

CONSAGRAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA MINEIRA: OBJETOS E ESCRITA ESCOLAR

Antônia Simone Coelho Gomes¹

RESUMO

Este artigo analisa o lugar de destaque que a Escola Estadual Melo Viana, uma escola pública mineira, assumiu no cenário educacional, a partir de 1925, data de sua criação. Compreender como se deu o processo de consagração na cidade de Carangola, tomando-se como ponto de partida a análise do projeto arquitetônico, os sentidos conferidos aos objetos escolares expostos no salão nobre, a galeria de fotos, como também os saberes expressos pelas práticas pedagógicas materializadas na escrita escolar é o propósito desta investigação. Inscrevendo-se na perspectiva dos estudos que se voltam para examinar a implantação dos grupos escolares mineiros e nos estudos sobre cultura escrita, pretende contribuir para ampliar a compreensão sobre a cultura escolar apontando para a importância da preservação da memória escrita escolar produzida por alunos e professoras.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura escolar. Escrita escolar. Objetos escolares. Escrita de aluno.

Estudos sobre instituição escolar com ênfase nas práticas educativas têm sido alvo de reflexão de historiadores da educação, no que tange a questões que envolvem tanto a memória da instituição quanto a compreensão de como se produz uma cultura escolar. Por outro lado, reafirma-se a contribuição de estudos historiográficos que mostram como o momento de implantação dos grupos escolares foi importante não só como marco de instalação de uma nova modalidade institucional, como pensado por Faria Filho e Souza (2006),

¹ Professora de História da Educação do Curso de Pedagogia da FAVALE\UEMG\Campus Carangola. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais\UFMG. Pesquisadora do GEPHE\UFMG. E-mail: <antoniagomes@yahoo.com.br>.

mas, sobretudo, como a instituição escolar, como agente educacional, passou a estabelecer interações com a comunidade.

O presente texto busca evidenciar como a materialidade dos objetos escolares permite dar visibilidade às práticas de escrita que circulavam na escola.

Para se entender o contexto de produção de sentidos, foi preciso observar o lugar de destaque que a escola foi assumindo na cidade, o que nos levou a considerar o momento de criação no ano de 1925, quando o então Grupo Escolar Melo Viana inaugura um tempo de modernidade e tradição no ensino. Para examinar o lugar de destaque que a escola assumiu no cenário educacional, privilegiou-se a análise do projeto arquitetônico como espaço de relações político-sociais.

Para a apreensão dos sentidos conferidos à escola de tradição, recorreu-se aos objetos escolares expostos no salão nobre, como troféus, livros, mobiliário, piano, quadros e galeria de fotos, tomados como objetos-memória que traduziam práticas pedagógicas que ultrapassavam as fronteiras da escola, conferindo valores que permeavam práticas pedagógicas, as quais iam muito além do cotidiano da sala de aula. O mapeamento desses objetos escolares constituiu-se em foco de análise, assim como as múltiplas apropriações e transmissões de saberes expressos na escrita dos professores e dos alunos. Seguindo esses caminhos, foi possível dar visibilidade a uma cultura escolar que, no entendimento de Julia (2001, p. 10), pode ser compreendida “[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos”.

No âmbito das questões que apontam para a produção de uma cultura escolar, o interesse não se restringiu apenas aos

artefatos dispostos no espaço escolar e à escrita que circulava na escola. Assim, a observação se voltou, também, para os sentidos produzidos nos desfiles cívicos, nos festejos e nas celebrações religiosas, elementos que, certamente, contribuíram para imprimir um ideário composto por conceitos e valores que, embora não sejam suficientemente explícitos, mas, por certo, imprimiram singularidades na forma de ser e de fazer aos estudantes e professores dessa instituição.

Sob essa perspectiva, partilha-se da produção da área que, a exemplo de Marilena de Camargo (2000), faz um percurso investigativo pelas práticas cotidianas no intuito de apreender como se produz uma cultura escolar. Em que pesem os estudos que significam e constroem a história da educação, perspectivando as práticas pedagógicas que trazem para a cena elementos importantes que projetam uma cultura escolar, ressaltam-se os seguintes pesquisadores: Vago (2000), Gerken (2008), Vidal (2005), Fernandes (2005), Valdemarin (2004), Diana Vidal (2005), dentre outros.

Se, por um lado, se fez necessário recorrer aos artefatos materiais para demonstrar como se constituiu a história da instituição pela preservação da memória escolar, também foi preciso passar pela problematização tanto da materialidade como do contexto de produção de tais artefatos para se compreender como essas inter-relações se mantêm até hoje aí estabelecidas.

É preciso reconhecer, ainda, que o estudo dos objetos escolares têm contribuído para consolidar um novo campo de investigação. O foco na materialidade dos objetos escolares e os usos e atribuições de sentidos a esses artefatos passam a se constituir indícios que permitem a investigação sobre a cultura material escolar à proporção que as práticas são mediadas

pelos artefatos materiais. Menezes (1998) adverte que o estudo histórico dos materiais escolares permite seguir pistas que nos conduzem na tessitura da história da instituição, bem como possibilita que se tenha a percepção de como tais objetos operam como elementos mediadores de sentidos de uma cultura escolar. Rosa Fátima de Souza (2007) faz uma reflexão da como os artefatos materiais conseguem iluminar o projeto que marca o espaço de atuação da profissão docente dentro da cultura escolar.

Este trabalho encontra-se subdividido em três partes: na primeira, em linhas gerais, é apresentada a Escola Estadual Melo Viana, escola que se consagra na cidade do interior de Minas Gerais; a segunda parte joga luz sobre os objetos escolares, trazendo à tona as suas representações como expressão de práticas pedagógicas; na terceira e última parte, intitulada *Escrita cotidiana de alunos e professores: o currículo vivido*, pretende-se apresentar o material escrito como dispositivo de manutenção da memória escolar.

O GRUPO ESCOLAR MELO VIANA COMO ESPAÇO DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

Em 1925, o então Grupo Escolar Melo Viana foi criado para atualizar os princípios e as práticas educativas da década de 20 promovendo uma ruptura com os saberes e fazeres antigos, anunciando, assim, a modernidade em relação à educação. A expansão urbana de Carangola,² nessa época, esteve vinculada

2 A cidade de Carangola foi inaugurada em 7 de janeiro de 1882 e logo se transformou em um centro cafeeiro. Nesse processo de ascendência econômica, tem-se a chegada do trem em 1887. No início do século XX, Carangola, além da cultura do café, também conheceu a industrialização. A reconstrução da história da cidade encontra-se registrada na Gazeta de Carangola Edição Histórica 1882-1982 (CARANGOLA, 1982, p. 9-10 e 27).

à economia cafeeira definindo o ritmo da vida, as posições políticas e o crescimento da cidade. Nesse contexto, a política do café com leite já se encontrava instalada com absoluta evidência. Foi um momento histórico no qual a elite agrária mineira imperava no cenário político e, conseqüentemente, Minas Gerais era, significativamente, favorecida por sua privilegiada posição, a qual gerava benefícios para seus municípios.

A instalação do primeiro Grupo Escolar na cidade de Carangola veio carregada de pressupostos pedagógicos. Um deles seria imprimir uma nova ordem no cenário educacional, cuja função era preparar os filhos dos fazendeiros da elite local e dos comerciantes em ascensão para serem cidadãos. O outro dizia respeito à arquitetura escolar de modelo neoclássico que marcava com distinção o espaço escolar³ na cena urbana. A localização da escola em um bairro central, em uma rua calma, residencial, tendo um prédio que se distingue, também conferia uma certa identidade. Esse investimento na estrutura física, obviamente, atendia aos mesmos princípios das reformas urbanas que viam o espaço escolar como agente educador e formador do novo cidadão. O prédio foi construído segundo critérios que combinavam higiene, civilidade e estética.

A arquitetura escolar assumiu, assim, função educadora trazendo, em seus traços e na organização, elementos que desempenham funções de caráter disciplinar. Esses aspectos fazem parte de um currículo que impõe um sistema de valores e saberes que definem o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, entende-se a arquitetura escolar como um elemento que “[...] organiza minuciosamente os movimentos e

³ Recorrer a Alves, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas**: o espaço como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

os gestos e faz com que a escola seja um continente de poder” (VIÑAO; ESCOLANO, 1998, p. 27).

Para entender o papel da escola na cidade, foi de fundamental importância a participação do professor-historiador Rogério Carelli, que concedeu entrevistas,⁴ nas quais deixou clara a expressividade que o grupo escolar assumia na organização da educação. Carelli (2001) chama a atenção para o fato de essa escola também ser um espaço político-social: “[...] muitos bailes promovidos pela municipalidade na década de 30 foram realizados no salão nobre da Escola Melo Viana. O aniversário do Grupo era uma data marcante com comemoração tradicional, frequentado pela alta sociedade”.

Era a afirmação de uma forma escolar⁵ que pretendia evidenciar múltiplas possibilidades de ações educativas trazidas pelos novos espaços, promovendo, assim, novas atividades e processos de escolarização, bem como novas relações sociais.

A constatação dessas mudanças estava presente no momento de difusão dos grupos escolares e foi reafirmada pelos estudos que mostram como passa a ser relevante a compreensão dos fatores que confluem para a emergência de uma nova forma de escolarização e configuração de uma nova cultura escolar que estava sendo produzida, simbólica e materialmente, com uma organização que a distinguiu de outras instituições, como afirmam Vidal (2006, 2000), Souza (1998), Carvalho (2002),

⁴ Entrevista concedida pelo professor de História do Brasil, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Carangola, Rogério Carelli, em junho de 2001.

⁵ Para Vincent, a forma escolar se configura na emersão da escola como um lugar específico e separado de outras práticas sociais, por meio do qual se constituem determinados saberes escritos, relação com a linguagem, tipos de socialização e maneiras de exercitar o poder de forma específica e formalizada (1980).

Pinheiro (2006), Yazbeck (2006), Silva (2006), Motta (2006) e Faria Filho (2000a, 2000b) em Minas Gerais.

Nesse sentido, entender o contexto mineiro de educação⁶ e as interferências na produção de uma cultura escolar possibilita uma análise mais abrangente sobre fenômenos os mais diversos, o que não impediu de voltar a atenção para a escola em sua singularidade. A intenção, pois, passa a ser localizar pistas para o entendimento de como foi sendo criada a imagem da escola de tradição.

Quais foram as estratégias para manter o ensino de qualidade, isto é, como essa escola pública se consagrou na cidade?

O Grupo Escolar Melo Viana, em Carangola, inaugurou uma fase em que ser aluno dessa instituição significava ter acesso a um estabelecimento de ensino organizado sob a forma de museu escolar, do clube agrícola, da caixa escolar que beneficiava os menos favorecidos, com acesso à biblioteca e à enfermaria. Essas realizações demonstravam uma preocupação não só com os aspectos educacionais, mas também com a formação integral, concepção de educação que não se limitaria a ensinar a ler, escrever e contar, mas que atribuía à escola o papel de propiciar o desenvolvimento social e cultural por meio de uma série de ações que visavam a implementar novos hábitos e novas capacidades nas crianças, a fim de consolidar um novo cidadão.

Tal direcionamento significava conduzir as práticas educativas no sentido de “[...] desenvolver na criança hábitos sadios,

⁶ Dentre outros trabalhos que tratavam sobre educação em Minas Gerais, recorrer à ANDRADE (2000). A educação exilada Colégio do Caraça; VEIGA, G. Cynthia. Educação estética para o povo. In: FARIA FILHO, L. Mendes; VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliana Marta (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

inteligentes e belos” (TEIXEIRA, 1997). Essa formulação deveria combinar os “[...] interesses sociais com as aptidões e as capacidades individuais a fim de que pudesse contribuir para a consolidação dos ideais de uma sociedade moderna e democrática” (CHAVES, 2001, p. 69). Portanto, da escola não se esperava apenas que ensinasse a ler e a escrever, mas que instrísse, educasse, introjetasse em seus alunos novos hábitos culturais, a partir do desenvolvimento das suas capacidades individuais. Esses princípios se baseavam em um projeto educacional que visava à formação de sujeitos inteligentes, de comportamentos sociáveis, hábitos sadios, com uma formação social e um corpo com posturas adequadas.

A importância da escola na cidade foi sendo construída ao longo da história e pode ser constatada em documentos reunidos no Acervo Histórico-Geográfico que contempla a história desse estabelecimento, no livro de *Centenário da Cidade*, Edição Histórica 1892-1992, que mostra a atuação do Dr. Fernando de Melo Viana,⁷ no período em que foi juiz de Direito nessa cidade. O nome do primeiro Grupo Escolar de Carangola foi, então, uma homenagem ao seu compatriota,⁸ que, na época da inauguração do prédio, assumia o cargo de presidente do Estado de Minas Gerais. O retrato do patrono sobressai acima das fotos de cinco ex-diretores.

⁷ Fernando de Melo Viana, político brasileiro, (Sabará – MG 1878 – Rio de Janeiro GB 1954). Formado pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte, foi promotor público e juiz de Direito no interior do Estado, advogado-geral de Minas Gerais, secretário de Interior e Justiça do Governo Raul Soares. Em razão do falecimento do então presidente do Estado, Raul Soares, em 1924, assumiu a presidência de Minas Gerais, permanecendo no mandato até 1926.

⁸ Carangola: notas para sua história (1965), traz a trajetória do político Melo Viana.

Os registros encontrados na *Sinopse histórica da escola* (1965) mostram que a construção inicial se limitou ao salão da secretaria, também chamado salão nobre, dependências sanitárias e três salas de aulas laterais. O pátio era dividido por um muro ao centro, onde se organizava o recreio das meninas e dos meninos separadamente. Somente alguns anos mais tarde é que o projeto foi completado com a construção de mais quatro salas, duas em cada ala.

Esses dados foram mais bem explicitados em entrevista concedida por Carelli. Ele se reporta aos anos de 1943-1946, período em que foi aluno desse Grupo Escolar.

Ingressei 18 anos após sua criação, eu acredito que naquela época persistiam certos costumes, que vinham desde sua inauguração, por exemplo: no recreio. Os alunos do sexo feminino e masculino eram mantidos separados por um muro, onde tinha um portão, uma grade e eram vigiados por uma professora em qualquer circunstância, fosse dia de sol ou de chuva, para evitar que a gente conversasse. Isso era tratado como natural na época [...].

A estrutura física do pátio foi mudando e se adaptando ao ritmo da escola, hoje sua ocupação pelas crianças, professores, funcionários, pais e visitantes impõe sentidos à movimentação dada pelos que estão envolvidos em determinadas atividades ou eventos. Podem-se apreender as diferentes formas de apropriação desse espaço segundo a natureza do evento que tende a ser de caráter pedagógico, social, cultural ou cívico.

As festas escolares tiveram grande expressão, na década de 70. Essas atividades ganhavam forma de projeto pedagógico e se expandiam para o pátio: cenários, figurinos, passos, ritmos e ensaios. A escola se transformava! Os espaços e os tempos tinham que ser reorganizados. As festividades, certamente, eram oportunidades privilegiadas que tinham o objetivo de dar

visibilidade aos feitos da escola e evidenciar o processo de renovação dos métodos de ensino, mantendo a marca da qualidade. Esses eventos contribuíram para a fabricação da imagem da escola de tradição, passaram a ser acontecimentos sociais de integração e de consagração de valores, culto à Pátria, à escola, à ordem social.

ESTRATÉGIAS DE CONSAGRAÇÃO: OS ELEMENTOS DECORATIVOS E OS OBJETOS ESCOLARES

Dentre as estratégias que constituíram as representações da escola de qualidade, chamam a atenção os elementos decorativos, ainda hoje presentes no salão nobre, especialmente os troféus, que simbolizam disputas e vitórias que projetaram a escola na cidade. O mobiliário antigo, o piano do século XX, os retratos dos diretores, o enorme crucifixo na parede, a exposição permanente dos objetos escolares fazem parte de um repertório de referências da educação pública de qualidade.



Foto 1 - Salão nobre da Escola Estadual Melo Viana, em 2001

Dessa forma, a preservação, a organização e a disposição dos objetos expostos no salão nobre da escola constituem-se em mecanismos de apropriação de um lugar de memória que revela valores do passado e busca a consagração no presente (Foto 1).

Entende-se que recuperar a memória de uma instituição é, de certa forma, apreender os sentidos embutidos que envolvem selecionar, eleger, valorizar, desprezar, para contar a história do passado. Desse modo, procurou-se compreender a escola e as suas práticas por meio dos objetos, dos documentos, dos livros, das fotografias, dos móveis e pelas produções escritas de alunos e de professores.

Ao entrar no salão nobre, os objetos-memória sobressaem aos olhos. Tudo fala da trajetória da escola e deixa pistas dos rituais pedagógicos produzidos. Os 39 troféus adquiridos em disputas de diferentes modalidades, arrumados, cuidadosamente, por sobre os móveis antigos, representam as vitórias alcançadas em gincanas e olimpíadas estudantis, como também registravam a participação nas Feiras de Ciências.

O registro foi procedido, também, com os 150 livros antigos, organizados no armário-vitrine, exemplares que datam da década de 20 até a década de 50. Os livros eram um dos principais veículos de transmissão de saberes, de valores e das condutas escolares e um dos principais suportes da prática dos professores. Pode-se afirmar que a leitura escolar era farta de preceitos, normas, advertências, conselhos e, sobretudo, de exemplos. O repertório apresentado permitiu o acesso à gramática adotada, à didática utilizada, às propostas e às concepções pedagógicas de uma época. A análise dos títulos e das imagens das capas dos livros didática evoca múltiplos sentidos que se configuram em fatores determinantes de

transmissão de valores e formadores de concepções que educam. Nas leituras, encontram-se conteúdos que disseminam sentimentos de caridade, benevolência, espírito cristão, generosidade, amizade, verdade, obediência, mostrando, em algumas cenas, inclusive as vantagens da pobreza e do desprendimento material.

A mobília de jacarandá se mantém disposta até hoje no salão nobre da Escola. Data do início do século XX e é composta por 20 peças, entre sofás, mesas, escrivaninhas, cadeiras e um piano. Essas peças constituem-se em insígnias de *status* social e requinte que expressam uma certa sobriedade formalizada pelos móveis de madeira escura. Para Viñao e Escolano (1998), os espaços educativos estão dotados de significados traduzidos pela posição e configuração dos objetos, que determinam certos movimentos e/ou restringem outros. Entende-se, pois, que a disposição do mobiliário, estrategicamente organizado no salão, tem como um dos propósitos receber quem chega à escola com acolhida à mineira e, ao mesmo tempo, evoca a memória de tradição, o que acaba interferindo no tipo de posturas e comportamentos apresentados pelos alunos e pelos professores que circulam por esse espaço.

O piano representa, certamente, o investimento na cultura. Os *Auditórios*,⁹ instituição escolar instituída com o propósito de concretizar os princípios modernos de escolarização que deveriam favorecer a socialização do aluno, ensinando-lhe a viver em sociedade, eram apresentados nas décadas de 30 e 40

⁹A criação das instituições escolares, dentre elas, os Auditórios e os Clubes de Leitura, deu-se de forma a implementar as inovações pedagógicas pautadas pelos princípios da Escola Nova, cuja função educativa e social procurava complementar o trabalho da sala de aula, desenvolvendo hábitos e intervindo de maneira radical na construção da individualidade do aluno.

do século XX no Grupo Escolar Melo Viana. O repertório musical privilegiava os hinos e as músicas que primavam pelo caráter de formação moral e cívica dos alunos, tendo à frente as aulas de canto orfeônico ministradas pela professora Cifra Lacerda.

A galeria de fotos referencia e dá destaque aos ex-diretores da instituição. Esse reconhecimento imprime uma representatividade das figuras que estiveram em evidência no cenário pedagógico-administrativo dessa escola e que, por isso, devem ser valorizadas e, de certa forma, imortalizadas. Para Regina Abreu (1996), é preciso que se observe a pauta sobre a qual se sustenta a produção da memória individual. No caso da Escola Melo Viana, o processo de eternização da memória dos sujeitos se dá, dentre outros aspectos, pelo arquivamento de testemunhos evocativos das obras e realizações dos ex-diretores, aqui representados pelo conjunto de fotografias expostas. No âmbito das relações mais amplas que envolvem uma instituição de ensino e trazem à tona questões administrativas, causam interesse as lacunas reveladas na galeria de fotos dos ex-diretores, uma vez que nem todos têm suas fotos ali expostas. Uma análise mais aprofundada dos fatos permite a compreensão de que os silêncios revelavam disputas de poder.

O primeiro diretor, Quirino Pires de Lima, permaneceu na direção até 1943, época de desafios e grandes realizações no campo educacional mineiro. Foi seguido, posteriormente, por Emília Morando de Lucca, que realizou uma gestão repleta de êxitos: ampliou as dependências da escola com a inauguração da enfermaria, do ambulatório; construiu uma cantina (refeitório); fundou a Biblioteca Pedagógica e a Biblioteca Infantil, o Clube Agrícola e o Pelotão da Saúde. Em 1953, Emília Morando encerrou sua gestão.

Duas outras diretoras assumiram a direção por entre esse período, porém, tiveram suas fotos ausentes. Luíza Mattos Valadão assumiu o cargo em 1954 e se mantém em definitivo até março de 1964, período a seguir que foi marcado por uma sucessão de sete ex-diretoras, cujos retratos não aparecem na galeria de fotos. Djanira Vaz Pereira assume a direção do Grupo Escolar em 10 de fevereiro de 1968, iniciando uma fase de efetivas realizações no campo da educação, com a criação dos primeiros festivais de dança folclórica, a reforma geral e a pintura do prédio.

Nesse período, construiu-se um palco fixo no pátio e instalou-se a iluminação externa para a realização das grandiosas festas escolares, eventos que ficaram marcados na comunidade como atividades grandiosas de investimento cultural e culto à estética. Há um incremento também das comemorações cívicas que davam visibilidade à escola, na busca de consolidar e garantir o lugar do ensino público de qualidade. Nessa época, as disputas entre as escolas tomavam grande repercussão, uma vez que significavam alcançar o lugar de destaque na educação. Os sentidos eram construídos por meio das atividades coletivas, nos dias de festas e durante as competições entre os colégios. Os hinos entoados, a torcida organizada, as bandeiras carregadas com orgulho, as medalhas brilhando no peito ou a alegria de levantar os troféus, cada um desses aspectos e todos eles juntos traduziam o sentimento de pertencimento e formalizavam a consagração da escola no imaginário coletivo.

Com a aposentadoria de Djanira Vaz Pereira em 1987, passaram pela direção cinco diretoras, em períodos bastante curtos, fator que pode justificar o não aparecimento na galeria de fotos. No final de 1991, acontece o primeira eleição para

diretor(a) e, entre as candidatas, foi eleita, por alunos, pais, professores e servidores, a professora Miriam Rosa Dutra.

Essa breve retrospectiva, que teve como referência a galeria de fotos, permitiu ver o quanto passa a ser significativo para o historiador lançar mão dos objetos escolares como fontes históricas, o que não significou abandonar os documentos escritos existentes no arquivo da escola: Sinopse Histórica, Regimento Escolar, Livros de Atas das Reuniões Pedagógicas, Livros de Matrículas, além de fotografias. Isso permitiu entender a organização e o funcionamento da Escola Estadual Melo Viana.

ESCRITA COTIDIANA DE ALUNOS E PROFESSORES: O CURRÍCULO VIVIDO

Não foi o bastante perceber as questões relativas à escola pelo espaço físico, pelos objetos e pelos documentos oficiais. Abriu-se, também, a possibilidade de compreender a escola pela escrita produzida entre alunos e professores e que circulava na instituição, pois, como diz Castillo (2000, p.134), é “[...] através do registro escrito, [que] a memória transcende a fragilidade do presente, se inscreve no tempo da história e se faz memória larga e viva”.

Assim, as práticas pedagógicas foram privilegiadas. Para tal, foram tomadas como fontes secundárias os “guardados” da ex-diretora Djanira Vaz Pereira: retratos, cartões, bilhetinhos de alunos, mensagens enviadas às professoras, os certificados, homenagens e telegramas que faziam parte de seu arquivo-pessoal e davam visibilidade à sua administração nessa instituição de ensino, no período de 1968 a 1987.

Aos papéis guardados foi atribuído *status* de documentos. A análise desse material permitiu um refinamento do olhar que

conduziu aos sentidos atribuídos às práticas administrativas que pautaram o trabalho realizado com as professoras, os pais de alunos e a comunidade. Os documentos do arquivo-pessoal de Djanira Vaz Pereira revelaram práticas institucionalizadas. As “mensagens” dedicadas às professoras, por ocasião das reuniões pedagógicas, passaram a fazer parte das práticas relacionais, assumindo um caráter institucional, no sentido de imprimir uma afetividade entre a direção e o corpo docente. Os textos das mensagens versavam sobre o Dia do Professor(a), Dia das Mães, e outros que faziam referência à dedicação e ao ofício de mestra. Todos impregnados de conteúdos simbólicos referentes a valores morais, práticas de convivência, motivação para desenvolver um bom trabalho, competência, sentido de grupo e cooperação. Essas mensagens evidenciavam as representações femininas no papel de professora que atendia ao chamado do ofício de professora:

Senhor no silêncio desta prece, vimos pedir-vos a Paz, a sabedoria, a força para cumprirmos a nossa missão de educador. Que sejamos pacientes, honestos, compreensivos e prudentes. Queremos ver nossos alunos além das aparências, como vós os vedes [...]. Tornai-nos verdadeiros educadores da infância e da juventude. Que jamais deixemos de dialogar, orientando-os no caminho certo [...].¹⁰

Apareceram, também, textos que evidenciavam essas mesmas representações femininas relacionadas com o chamado para um novo papel no exercício das práticas pedagógicas. Nas décadas de 1960-1970, o conjunto de ações e o discurso educacional se desenvolveram no sentido de alterar o programa de ensino com adoção de um conjunto de práticas

¹⁰ Trecho retirado de mensagem distribuída às professoras da Escola Estadual Melo Viana (Arquivo pessoal de Djanira Vaz Pereira).

que levavam à construção de uma nova identidade para a escola e para os docentes. As mensagens anunciavam as mudanças que estavam no programa de ensino e foram assentadas, principalmente, na Psicologia, na Pedagogia e nos princípios da Escola Nova. Nessa década, de 70, vivia-se o apogeu da era tecnicista da educação e, como que para resgatar a função da afetividade da atividade docente, as escolas passam a usar “tia” como denominação substituta da professora.

Recorrendo aos guardados do arquivo pessoal da ex-diretora Djanira Vaz, foi possível compreender a maneira como os/as professores(as) e alunos(as) estabeleciam relações e desenvolviam estratégias educacionais que mantinham sentimentos e significações de pertencimento àquela instituição de ensino, construindo-se a si próprios como sujeitos históricos (SOUZA, 1999). Seguindo esse percurso na pesquisa, a escrita escolar dos alunos foi tomada a fim de se perceber como se deu a produção do lugar da escola de qualidade.

O material escolar referente à escrita de alunos foi recolhido com pessoas conhecidas, ex-alunos ou com mães-professoras que procuravam eternizar o tempo guardando cadernos de seus filhos, que, ao serem examinados, ajudaram a decifrar um pouco da história da escola. Foram localizados 18 cadernos escolares, 53 provas, 3 relicários,¹¹ trabalhos mimeografados, 53 álbuns de pesquisa, que permitiram compreender não apenas o currículo proclamado, mas o vivido, cotidianamente, na escola. Seguir as pistas da cultura

¹¹ Relicário é a denominação do Caderno de Recordação que circulava nas classes, geralmente de alunos da 4ª série, em que os colegas deixavam mensagens para a dona do referido caderno.

escolar, partindo de escritas infantis, que até pouco tempo eram desvalorizadas pelas pesquisas e pelas escolas, exigiu examinar o contexto no qual foram produzidas e, ainda, interpretar as representações educacionais, pois “[...] a escrita aparece como auxílio prático da memória, assim como instrumento para defender ou conquistar uma identidade, como meio para vencer a separação, a distância e a segregação” (GIBELLI, 2002, p. 4). Trabalhar com a escrita escolar permitiu observar os sentidos impostos às práticas pedagógicas e as múltiplas relações estabelecidas entre os agentes envolvidos nessas práticas.

No que tange à cultura escrita, Castillo Gómez (2003) destaca que o estudo de diferentes materialidades do escrito, considerando os discursos, as práticas e as representações, conduz à compreensão mais ampla de como se produz uma determinada cultura escrita. Nesse sentido, a produção de uma escrita, no cotidiano escolar, remete aos dispositivos relativos aos processos de produção do aluno e dá visibilidade aos conteúdos disciplinares inseridos nas práticas pedagógicas que permitem a visão do ensino público que circulava na época.

A problematização do material encontrado possibilitou uma melhor compreensão sobre as práticas escolares vividas. A atenção se voltou para os suportes escriturários examinados os quais foram explorados no que diz respeito à disposição gráfica, aos temas e valores que veiculavam. Foi importante perceber o momento histórico social no qual eram produzidos os conteúdos disciplinares e admitir a existência de influências recíprocas que agem no interior de um espaço social que marca posições de dominação e de submissão.

Em relação aos 18 cadernos de disciplinas de séries diferentes, correspondentes aos anos de 1970 a 1986, encontrou-se um fazer pedagógico que reproduzia o ensino que o programa oficial determinava. A análise foi feita tomando-os como dispositivo escolar, amparada pelos procedimentos metodológicos utilizados por Silvina Gvirtz (1997), que demonstrou, em sua pesquisa, como esse material se constitui em um campo significativo para observar os processos históricos e pedagógicos da vida cotidiana da escola, que apontam para as relações de poder interpessoal e a produção de saberes. Classificar os cadernos por disciplinas permitiu perceber como eram feitos a articulação e o manejo das atividades desenvolvidas em sala de aula, em oposição às tarefas para serem realizadas em casa. Fica claro que o conteúdo estudado em classe tem sua aprendizagem reforçada com os exercícios do “Para casa”.

Em grande parte dos cadernos analisados, articulavam um conjunto de práticas discursivas que produzem um determinado efeito pedagógico-disciplinar, ou seja, os conteúdos, os enunciados das questões, a ordenação dos exercícios proclamam as práticas pedagógicas privilegiadas e anunciam a forma de realização. As tarefas se reproduzem, geralmente, em atividades do tipo: siga o modelo, conjugação de verbos, cópia pesquisa, treino ortográfico, exercícios de gramática, continhas, problemas, complete a sentença. Uma preocupação com a ortografia correta estava presente na correção rigorosa, pois a norma culta da língua devia ser privilegiada.

Os cadernos de Matemática traziam as produções cotidianas relacionadas com um conjunto de signos que se articulavam de maneira particular e configuravam as atividades lógico-matemáticas. Quanto ao enunciado dos exercícios, esses

definem a forma da execução da atividade. São frequentes as continhas de arremate e efetue, de soma e subtração, o treino da tabuada, as frações, os problemas. Esses cadernos, quase sempre, chegavam ao final do ano letivo com, praticamente, todas as folhas completas de exercícios. Esse fato mostra, sem dúvida, a importância dada a essa disciplina dentro do currículo escolar e o tempo destinado à realização das tarefas.

Em relação ao conteúdo programático de Estudo Social, vê-se a predominância de temas históricos, o culto às figuras célebres de nossa história oficial e a centralidade em torno das datas cívicas consagradas pelo nosso calendário escolar. O nacionalismo aparece como investimento claro de sentimento de amor à Pátria, preocupação que se estendia aos eventos e às celebrações de cunho cívico. As atividades propostas despertavam, de acordo com o espírito da época, um clima de interesse coletivo. O ensino dos deveres cívicos estava associado à moral, privilegiado no caderno de Estudos Sociais e nos álbuns de pesquisa, embora aparecesse também relacionado com outras matérias.

Foram identificados, associados aos exercícios escolares, os desenhos dos próprios alunos, carimbos e, invariavelmente, o visto da professora, que representava a vigilância sobre o trabalho. A confirmação da correção dos exercícios aparece como prestação de contas que, em troca, recebia palavras de incentivo: “Você é um amor!”, “Lindo!”, “Legal!”, “Parabéns!”, “Bacana!”, “Muito Bem!”, “Jóia!”. Esse ritual, construído nas relações professor-aluno, estipulou um dos mais potentes padrões disciplinadores. São escritas simbólicas que correspondem à “Excelente”, “Muito bom”, “Bom”. Esses conceitos podem, ainda, ser entendidos como

“notas qualitativas”.¹² Nessa mesma direção, as insígnias “Precisa melhorar!” e “Que pena!” referem-se ao aluno de desempenho regular ou insuficiente, que precisa aprimorar seu desempenho escolar. Apreende-se, portanto, uma forma de interlocução entre professor(a) e aluno.

Verificou-se que alguns trabalhos¹³ contemplam o caderno escolar como um suporte de escrita a partir do qual se pode fazer um estudo não só dos conteúdos de ensino, como nos casos em que os recados da professora são dirigidos aos alunos e/ou aos pais: “Favor comprar um caderno de desenho pequeno e grosso”, “Trazer cr\$12,00 para pagar o livro de leitura”. Os registros de recados endereçados aos pais fazem do caderno um instrumento de comunicação entre a instituição de ensino e a família.

Perrenoud (1995) argumenta que esses contatos têm grande importância na comunicação e interdependência entre os pais e a escola, seja para informar sobre a evolução da criança, sua aprendizagem, seja para marcar um encontro em que serão discutidos assuntos referentes ao seu comportamento e bem-estar. A circulação do recado no caderno faz deste um instrumento de poder. Se, por um lado, se exigia que a família tivesse maior participação na vida escolar do aluno, por outro, a escola desejava interferir na vida familiar para reeducá-la. Observa-se, pelos conteúdos ensinados e pelos recados encontrados nos cadernos analisados, que a escola esperava a participação da família, quer fosse cooperando com os professores, participando das reuniões ou festas escolares, quer assumindo os compromissos financeiros de

¹² Termo utilizado por Gvitz (1997, p. 70), para notificar que a avaliação pode ser numérica. Podem-se usar letras ou adjetivos qualificativos.

¹³ Cabrera (1984), Zúgaro (1992), Devalle de Rendo e Perelmas de Solarz (1988) e Gvitz (1997).

cunho escolar. Em outros momentos, o caderno registra lembretes ou sistematização do estudo: “Amanhã dia 27, avaliação de matemática. Estudar: conjuntos, dúzia, dezena, dobro, metade, vizinhos, família até 9, saber ligar numeral à quantidade, conta de somar e diminuir, série descendo a escadinha, fato reverso,¹⁴ ex: $2 \square 3 = 5$ $3 \square 2 = 5$ ”. Nesse sentido, o caderno, além de instrumento didático, suporte das práticas de escrita escolar, assume também espaços de interlocuções que estão superpostas no discurso da instituição.¹⁵

Tomando em separado o caderno de pesquisas diversas de 1948, confeccionado pelas alunas do 2º ano, da professora Maria Teixeira Gomes, tem-se como título *Nossas Lições de Geografia e História*. Nele há uma preocupação em registrar a história da Escola Estadual Melo Viana desde a época de sua inauguração. Na primeira folha, encontrou-se o desenho do grupo escolar, a foto do Dr. Fernando de Melo Viana e da diretora, Emília Morando. O texto inicial localiza o grupo escolar, descreve o patrono e a diretora da época, intercalando com fotos dos fundadores, da atual administração, da Câmara dos Vereadores e da planta de Carangola. Em cada página, encontra-se um texto produzido por um aluno, resultando em um trabalho produção coletivo.

A história da escola, na perspectiva dos alunos, foi exaltada no cenário carangolense. Aparecem seus fundadores e os diretores. No texto escrito por Márcia Emília de Lucca, a aluna apresentou o panorama educacional dos três grupos escolares que existiam na época: o Grupo Escolar Melo Viana, o Grupo Escolar Interventor Benedito Valadares e o

¹⁴ Registro de Tatiana, aluna da 1ª série da professora Maria Ângela Fidelis Filgueiras em 1977.

¹⁵ Ver sobre essa questão autores como Cabrera (1984), Zúgaro (1992), Devalle de Rendo e Perelmas de Solarz (1988) e Gvirtz (1997).

Grupo Escolar Antonio Marques. O ensino secundário e o normal ficavam a cargo do Ginásio Regina Pacis, da Escola Normal Arthur Bernardes e do Colégio Municipal Carangolense.

A cidade foi revelada pelas fotos, pela história de seus benfeitores e pelas autoridades locais: prefeito, juiz de Direito, promotor de Justiça, diretoras de escolas, entre outros. São citados dois poetas carangolenses, Átila Brandão, autor de *As mãos dos Monjes*, e Keruger Matos, que escreveu o poema *Mosaico*. Ao longo desse trabalho, apareceram fotografias de Carangola minuciosamente reveladoras da cidade antiga.

Também são levantados dados sobre a pecuária local, as riquezas minerais e vegetais, as indústrias, o comércio, os meios de transporte e de comunicação. Quando descreve as montanhas, o aluno Raimundo Fernando Queiroz Vargas ressalta o fato de o Pico da Bandeira, localizado na Serra do Caparaó, em Espera Feliz, ter pertencido, até o ano de 1939, a Carangola.

Os recortes de jornais da época retratam a “IV Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola”, que traz destaque para o concurso leiteiro. O artigo evidencia o alto grau de aperfeiçoamento alcançado pela pecuária da região. Ainda nesse caderno de atividades, encontravam-se pesquisas ilustradas relacionadas com os temas referentes ao Dia do Trabalhador, comemorado em 1º de maio, o Dia do Soldado, as comemorações da Independência do Brasil, referentes ao dia 7 de setembro, a libertação dos negros em 13 de maio, as homenagens ao inconfidente Tiradentes prestadas no dia 21 de abril, além da data referente à Proclamação da República em 15 de novembro, e o Dia da Bandeira Nacional,

comemorado em 19 de novembro. Tais marcos são reveladores das concepções que marcaram o contexto escolar como responsáveis pela formação de leitores e/ou influenciaram nesse processo. Nesse aspecto, acentuou-se que a escola, menos que um lugar de aprendizagem da leitura, se diferenciava por ser um lugar em que se modelavam leituras, em que se explicitavam e direcionavam formas de interpretação de textos, além de desenvolver técnicas de controle do corpo.

Nas condições em que a escrita era produzida nesse contexto, os autores expressavam, em vários momentos, os seus interesses, seu cotidiano, suas necessidades, deixando suas marcas pessoais. Assim, ficam explícitos os valores impostos pela escola, que são adequados para o sujeito que está se constituindo como ser social, mas que são reapropriados de múltiplas maneiras pelos alunos que internalizam as normas ou rompem com elas.

A análise das 65 provas que datam do período entre 1967 e 1983 possibilitou também uma visibilidade quanto aos saberes impostos e a forma como eram avaliados. As questões elaboradas obedeciam, via de regra, aos modelos avaliativos disseminados na década de 70 que, marcada por uma perspectiva tecnicista, privilegiava as atividades de múltipla escolha: numere a segunda coluna de acordo com a primeira, as questões de reconhecimento de falso ou verdadeiro, preenchimento de lacunas, exercícios de ligar (para provas da primeira série), exercícios de seguir o modelo, cruzadinha, mapas e, em menor proporção, perguntas de caráter aberto, que permitiam a expressão da escrita mais livre e a manifestação do pensamento do aluno.

A reprodução de uma questão da prova da 4ª série apresenta um tipo de atividade comum da época.¹⁶

- | | | |
|------------------|-----|---|
| 1. Inspiração | (8) | são as cavidades existentes na face por onde o ar penetra. |
| 2. Expiração | (7) | é um canal formado pela superposição de anéis cartilagosos. |
| 3. Pulmões | (5) | é o órgão que dá fonação |
| 4. Pleura | (2) | saída de ar dos pulmões |
| 5. Laringe | (6) | é uma via digestória e também respiratória |
| 6. Faringe | (1) | é a entrada do ar nos pulmões. |
| 7. Traquéia | (4) | é a membrana que envolve os pulmões |
| 8. Fossas nasais | (3) | é o principal órgão do aparelho respiratório |

No exercício de avaliação tomado como exemplo, pode-se visualizar a normatização do ensino em que a escola se limitava a organizar e propagar os saberes e depois avaliar o que foi apreendido. O resultado era a nota alcançada pelo aluno. Os saberes curriculares eram valorizados, e as provas mostravam o esquema das atividades desenvolvidas em sala de aula. O resultado acabava sendo um discurso uniforme e homogêneo que não possibilitava grandes espaços de discussão entre os alunos. Enfim, a análise dos tipos de questões, baseada na estruturação da prova, a formatação do conteúdo propriamente dito e as representações acerca do aluno que apareceram nas ilustrações, nas mensagens, nos títulos dos textos, nos temas das composições, permitiram observar que a maneira como as provas eram confeccionadas e o arsenal teórico escolhido para elaborá-las refletiam as representações das professoras em relação ao aluno da Escola Estadual Melo Viana, com inegável função formadora e disciplinadora.

¹⁶ Prova de Ciências, outubro/novembro 1980, 4ª série, professora Elizabeth de Deus Zignago.

Ainda que os discursos presentes nas provas apontassem o predomínio de uma concepção tecnicista do ensino com ênfase no ensino de cunho conteudístico, indícios encontrados nas provas de 1980 e de 1983 mostram que as professoras estavam atentas às inovações pedagógicas, ao incluírem nas provas questões de natureza lúdica, como cruzadinhas e diagramas para achar as palavras. Pode-se dizer que, mesmo se levando em conta a resposta correta, a escola recorria a práticas educacionais consideradas modernas para atrair o interesse do aluno. Ao adotar modernos métodos pedagógicos, a escola pretendia não apenas mudar as práticas educativas, como também mudar a própria postura do professor. O controle e o poder representados pela avaliação ficavam evidenciados pelo uso da caneta vermelha na correção. O registro do valor da questão aparece à esquerda, o uso de C, de certo, é representativo do acerto do aluno. Ao final, era comum o professor deixar registrada alguma mensagem de férias ou de “Feliz Natal”. As provas bimestrais da Escola Melo Viana eram sempre passadas pelo crivo da diretora que assinava e deixava o seu carimbo.

Como visto até aqui, a escrita escolar encontrada nos cadernos e nas provas nos fala da escola reproduzindo o currículo oficial, mas a escrita encontrada em três relicários de ex-alunas da Escola Estadual Melo Viana, que estudaram no período de 1970 a 1983, apresentava algumas especificidades da cultura escrita que circulava naquela escola. Nesse tempo, era comum, na sala de aula, o relicário, também chamado de caderno de recordações. Embora se assemelhasse a um caderno como os outros pelo tamanho, apresentava-se com uma capa dura, com ilustração. A finalidade desse artefato era reunir a escrita coletiva de colegas sob a forma de mensagens e de recados pessoais, direcionados à

dona do caderno. Essa escrita guardava intimidades e deixava as marcas de amizade travadas no período escolar.

Esse suporte de escrita conciliava tanto conhecimentos sistematizados, expressos na construção de normas da escrita, quanto abria espaço para a escrita criativa e mais livre, que revelava características de um certo grupo de alunos. Por meio de pensamentos, versos, trovas, provérbios, poesias, pequenos textos e mensagens, foi possível ter acesso às ideias que circulavam nessa época e que, de certa forma, espelhavam um tipo de conhecimento e valores que constituíam a subjetividade desses sujeitos. Os relicários podem ser vistos como um suporte de memória em que se encontram fragmentos do cotidiano de garotas e garotos dessa cidade que registram um tempo memorável vivido por eles. Em algumas mensagens, pode-se ver o imaginário coletivo representando a vida escolar.

Escola primária
 Nesta casa, onde se aprende
 A conhecer o A, B, C
 O amor da pátria se estende
 por um céu que não se vê
 Aqui onde a alma se eleva,
 Entra-se cheio de treva
 sai-se coberto de luz.
 É aqui que começa a estrada
 que os fulgores da alvorada
 Nosso espírito conduz.
 Bendita, pois, seja a escola..!¹⁷

Com esse material, foi possível examinar algumas relações desenvolvidas no interior da escola e perceber formas criadas para resistir às determinações impostas, a exemplo da escrita inclinada na folha, o uso de canetas coloridas que compunham

¹⁷ Recordação de Carlos Antonio para Jandira Machado, em 25-10-1970.

a estética da construção do texto, ou o registro de expressões que demarcavam uma representação de amizade: “uma beijoquinha”, “smack”. Tudo isso, somado à riqueza das ilustrações de corações, corações partidos, carinhas, lua e estrelas. De qualquer maneira, é importante ressaltar que a questão mais enfatizada pelos alunos era a amizade. As mensagens referiam-se, com frequência, à imagem que as alunas iam construindo de si mesmas e do outro, em relação de troca e companheirismo. Esses fatos estão presentes nos dizeres: “Seja o que você quiser ser. Lute para conseguir o que quer”,¹⁸ “Seja do jeito que você é e não do jeito que as pessoas gostariam que fosse e se isso não for o suficiente para alguém este alguém nunca será bastante para você”.¹⁹

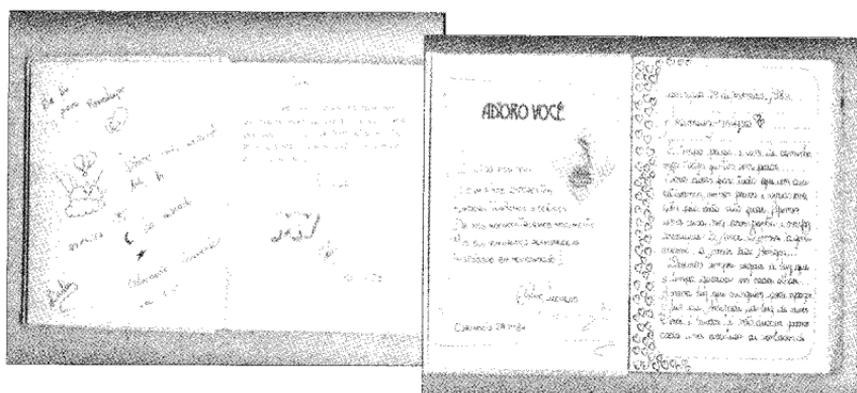


Foto 2 - Relicário de Elaine Azevedo onde aparecem fragmentos de escrita mais livre e criativa (1983)

Dessa forma, viu-se que as representações foram se constituindo entre as relações pessoais, superdimensionando as amizades. Os relicários apresentavam uma realidade social que

¹⁸ Registro do relicário de Elaine Azevedo escrito por Josiane Toledo Ferreira.

¹⁹ De Graziela para Elaine Azevedo.

se evidenciava nas diversas e criativas formas de tratamento, confirmando que, “[...] nessa leitura aparece uma prática de escrita, de afetividade, de amizade, de subjetividade” (CAMARGO, 2000b, p. 205). Nessa rede de trocas sociais, instalava-se uma gama de conhecimentos oficiais e do senso comum, em que a escrita assumia papel fundamental ao explicitar os múltiplos saberes que apareciam em diferentes suportes, dando luminosidade aos contextos dessas escrituras, mostrando, assim, a importância da cultura escrita gerada pela própria escola.

Ao cruzar os dados com os depoimentos orais, informações dos documentos e material escolar, foi reafirmada a importância de elementos que preservaram a memória da escola.

PARA FINALIZAR...

A opção de investigar uma escola pública primária e entender as estratégias utilizadas para a consagração da escola na cidade foi adquirindo expressão, de maneira que a cultura escolar produzida além da sala de aula foi também examinada. A preservação da memória, materializada nas imagens que estão na galeria de fotos, os objetos expostos no salão nobre, a mobília do princípio do século XX, o piano de 1837, as fotos do grupo de professoras de 1950 emolduradas, os livros e cartilhas, os álbuns de fotografias sugeriram a intenção de narrar a história da educação desse lugar, procurando entender como essa instituição se legitimou como um novo espaço para a educação.

O processo de constituição e legitimação da cultura escolar se produziu por entre os espaços, tempos, objetos, materiais didáticos, processos de controle, rituais, organização,

disciplina que, no conjunto, simbolizaram os processos de escolarização. A escrita escolar de professoras e alunos foi especialmente reveladora de saberes que permitiram um mergulho na história da instituição, além dos documentos guardados por uma ex-diretora, que testemunham o projeto da escola que busca se salvar do esquecimento.

Na intenção de dar visibilidade aos processos e finalidades da educação moderna, os objetos expostos indicaram práticas e atividades desenvolvidas. Eles são especialmente reveladores da preservação e manutenção da memória: o mobiliário, o piano, a ornamentação, os troféus, as bandeiras, a galeria de fotos, os objetos do armário vitrine, os livros, o globo, a coleção das chaves, as canecas, tudo que foi utilizado pelos alunos, nas primeiras décadas do século passado, representa bens simbólicos que contribuem no sentido de evocar a memória da escola, traduzidos em cultura, poder e tradição. Assim, tais elementos possibilitaram uma dada compreensão da rede de poderes produzidas no espaço escolar.

A escola se consagrou na cidade também pelo empenho das diretoras em destacar a imagem da boa escola. Elas controlavam o trabalho das professoras por meio dos cadernos de lições, nas orientações das reuniões pedagógicas e se empenhavam na organização das festas escolares. Essas comemorações festivas eram, em parte, definidas pelo Estado, mas a escola transformava esses eventos em grandes ocasiões. Os alunos destacam-se como agentes ativos nesse processo. O álbum de fotografias, os troféus, as medalhas não deixam dúvidas dessa participação. Ao promover essas festividades, a escola, ao mesmo tempo, em que valorizava o sujeito, desenvolvia valores, destacando os sentimentos e as sensações que produziam a sociabilidade, a afetividade, o sentido estético e patriótico, além da valorização da cultura. O caderno de

festas confirma a intenção de consagração, contendo uma programação voltada para exaltar o patrono, os diretores, os feitos, o ensino.

O sentimento de pertencimento à escola era partilhado por professores, funcionários e ia além dos muros da escola, contagiando pais de alunos. Eram formas de integração direta ou indireta com a cidade. Esse envolvimento se vê, inclusive, nas campanhas organizadas para angariar recursos para restaurar o piano e nas campanhas de agasalhos para os alunos menos favorecidos. Eram marcantes as atividades de cunho coletivo que promoviam a cooperação e a sociabilidade.

Trabalhar nessa escola era motivo de orgulho. Os professores participavam das reuniões pedagógicas se apropriando de leituras atualizadas e de formas de dinamizar a atuação na sala de aula. Ser professora da Escola Estadual Melo Viana era sinônimo de prestígio e competência, como pode ser visto nas mensagens enviadas pela diretora Djanira Vaz Pereira ao corpo docente. Eram textos que valorizavam o trabalho desenvolvido e serviam como formas subliminares de manter o controle e a organização.

Mas não bastou esse conjunto de elementos para se conhecer a cultura escolar. Foi preciso ir mais além e avaliar o que se produziu de conhecimento em uma determinada época. Reconhecer, nos suportes de escrita escolares, a maneira como eram apreendidos os saberes e internalizados valores e crenças e entender que esses escritos podiam dar acesso às práticas de sala de aula e colocar em cena a realidade da escola, nem sempre explícita nos currículos oficiais.

O material escrito se constituiu um dispositivo de manutenção da memória escolar. Nessa rede de trocas sociais, instalava-se uma gama de conhecimentos oficiais e do senso comum, em

que a escrita assumiu papel fundamental ao explicitar os múltiplos saberes que apareceram em diferentes suportes, dando luminosidade aos contextos dessas escrituras, mostrando, assim, a importância da cultura escrita gerada pela própria escola. Professores e alunos deixaram marcada a memória escrita que também consagrou essa instituição. Esses aspectos estão evidenciados no material escolar produzido por alunos, no caderno de lições preparado pelas professoras e no caderno de programação de festas da professora Orita Pinheiro, na década de 50.

Os escritos escolares em cadernos, álbuns de pesquisa, provas e relicários falavam da escola reproduzindo o currículo oficial, mas abrindo um espaço para a escrita criativa e mais livre, revelando a forma de ser de um certo grupo de alunos. Há uma circularidade de saberes que contribui para a formação de conhecimentos sistematizados, para a construção de normas, mas também para o espaço da criatividade, o que se percebe na escrita dos relicários, prática comum entre os alunos de uma classe mais favorecida da escola nas décadas de 70 e 80. A cultura escolar, produzida e reproduzida no cotidiano, desenvolveu uma interlocução de discursos que partiu de um amplo universo de referências produzindo fazeres e saberes que aí se instauraram.

Para se entender as práticas cotidianas de alunos, foi preciso adentrar também na cultura docente para identificar como se teceu uma rede de sentidos, significados, normas, valores, ideais, crenças, perspectivas e práticas. Por parte da cultura docente, foi lançado o olhar sobre a organização estrutural desses suportes de escrita, que reproduziam as determinações escolares. Podem-se perceber, por esse material, diferentes formas de prestar conta, informar, além de reproduzir o que o Estado determinava em relação ao currículo escolar,

representando modos de socialização desse grupo e do conjunto de interações que estabeleceu diferentes formas de atuação. Esses aspectos ficam explícitos nas escolhas dos textos, para serem lidos, nas figuras ilustrativas, na elaboração das questões e exercícios de provas, no visto, na correção, na confirmação do aprendido pela nota. Ao mesmo tempo, as professoras buscavam, em suas atividades, o lúdico, o que sugere uma preocupação com o ensino moderno e atraente.

Fica assim configurado que, no cruzamento dos dados com as informações dos documentos e os sentidos atribuídos aos objetos escolares, foi possível trilhar um caminho denso por entre os aspectos que indicaram as estratégias de consagração do ensino e que mantêm preservada a memória da Escola Estadual Melo Viana.

CONSECRATION OF PUBLIC SCHOOL MINEIRA: OBJECTS AND WRITEN SCHOOL

ABSTRACT

This article analyze the place of prominence that School Melo Viana, a mineira public school, took on the educational scene in 1925, the date of its creation. Understand how was the process of consecration in the city of Carangola, taking as its starting point the analysis of architectural design, meanings given to objects exposed in school hall, a gallery of photos, but also the knowledge expressed by the practices Pedagogical embodied in the writing school, is the purpose of this investigation. Subscribing to prospective studies that turn to examine the implementation of school groups in studies of miners and written culture, it is intended to help broaden the understanding of school culture by pointing to the importance of memory preservation school writing produced by students and teachers.

KEYWORDS: School culture. Academic writing. School objects. Writing of students.

REFERÊNCIAS

- 1 ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- 2 CARVALHO, Luciana B. O. B. **A configuração do Grupo Escolar Julio Bueno Brandão no contexto republicano (Uberabinha-MG 1911-1929)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
- 3 CASTILLO, Gomes. Un archipiélago desconocido archivos y escritura de la gente comun. **Boletín Acalá Archivamos, Archiveros de Castilla y Leon**, n. 38, p. 6-11, out. 2000.
- 4 CHAVES, Miriam Waidenfeld. **A escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência - a trajetória pedagógica da escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- 5 FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000a.
- 6 FARIA FILHO, L. Mendes; PEIXOTO, Ana M. Casassanta (Org.). **Lições de Minas 70 anos da Secretaria de Educação**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2000b.

- 7 GERKEN, Maria Aparecida de Souza. **Das aulas aos festivais**: a história da escolarização da dança do CEFET/MG. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.
- 8 GIBELLI, Antonio. Emigrantes y soldados. La escritura como prática de masas en los siglos XIX y XX. In: CASTILLO, Gómes (Coord.). **La conquista del alfabeto**: escritura y clases populares. Gijón: Trea, 2002.
- 9 GVIRTZ, Silvina. **Del curriculum prescripto al curriculum enseñado uma mirada a los cuadernos de clase**. Buenos Aires: Aique, 1997.
- 10 JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, Autores Associados, n. 1, jan./jun. 2001.
- 11 MOTTA, Diomar das Graça. A emergência dos grupos escolares no Maranhão In VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares**: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071). Campinas: Mercado e Letras, 2006.
- 12 PERRENOUD, Philippe. **O ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.
- 13 PINHEIRO, Antonio C. F. Grupos escolares na Paraíba: iniciativas de modernização escolar (1916-1922). In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares**: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071). Campinas: Mercado e Letras, 2006.

- 14 SILVA, Elizabeth Poubel. O florescer de uma cultura escolar no ensino público Mato Grossense. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071)**. Campinas: Mercado e Letras, 2006.
- 15 SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH/EDUSF, 1999.
- 16 SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1889-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.
- 17 SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano. A contribuição dos estudos sobre os grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071)**. Campinas: Mercado e Letras, 2006.
- 18 TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**. Rio de Janeiro. Ed:UFRJ,1997.
- 19 YAZBECK, Lola. Um projeto modernizador: o grupo escolar numa cidade de vocação industrial. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071)**. Campinas: Mercado e Letras, 2006.
- 20 VINÃO, Antonio Frago; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

- 21 VIDAL Diana Gonçalves. Tecendo História (e recriando memória da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071)**. Campinas: Mercado e Letras, 2006.
- 22 VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1071)**. Campinas: Mercado e Letras, 2006.